

Março
2018



BOLETIM DE PETRÓLEO



1 - Cenário Econômico

O mês de março foi marcado por vários eventos importantes no cenário internacional. O sentimento otimista de crescimento econômico visto no início do ano foi um pouco abalado por incertezas quanto ao futuro da política e da economia das principais potências mundiais. A recente diminuição das tensões entre EUA e Coreia do Norte é vista de forma positiva pelo mercado, porém, se por um lado a situação na península coreana mostra melhoras, por outro, a possibilidade de uma guerra comercial entre EUA e China foi o maior causador de distúrbios nos mercados. O presidente norte-americano, Donald Trump, anunciou e impôs uma grande taxa sobre as importações de alumínio e aço para os EUA. Em um primeiro momento, o temor era de imposição dessas tarifas sobre importações vindas de todos os países, entretanto, Donald Trump aplicou tarifas somente sobre a China, como forma de punição, acusando a potência asiática de “roubo de propriedade intelectual”. O governo norte-americano disse estar disposto a negociar a aplicação de tarifas com a China além de outros países, como o Brasil, que, por hora, permanecem isentos de impostos. O governo Chinês, em retaliação, impôs suas próprias barreiras alfandegárias contra produtos norte-americanos, aumentando a preocupação dos investidores quanto à possibilidade de uma guerra comercial de larga escala entre as duas potências, que poderia causar grandes dificuldades para os fluxos comerciais globais e, na pior das hipóteses, uma nova crise econômica.

Quanto ao cenário político norte-americano, a diminuição das tensões entre democratas e republicanos traz um pouco de alívio aos mercados. Após graves desentendimentos entre os dois partidos em fevereiro, os quais levaram o governo a suspender suas operações por dois dias, as negociações parecem ter mostrado alguns avanços. O Senado conseguiu, finalmente, aprovar o orçamento anual para 2018, de US\$ 1,3 trilhão, evitando assim novas paralisações. Ainda assim, a persistem certas tensões, uma vez que os objetivos dos dois partidos se mostram bastante divergentes, principalmente quanto às políticas imigratórias, aos gastos militares, ao meio ambiente e ao papel do governo federal na economia. No cenário econômico, os EUA mostram sinais de crescimento firme e constante. A taxa de desemprego permaneceu inalterada pelo quinto mês consecutivo, em 4,1% no mês de fevereiro, conforme divulgado pelo Departamento do Trabalho dos EUA. Esses dados mostram que a economia do país se encontra próxima ao pleno emprego. Entretanto, o aquecimento da economia norte-americana e a criação de novos postos de trabalho causou uma pressão da taxa de inflação, que se encontra em 2,2% na comparação anual. Na comparação com janeiro, a inflação foi de 0,2% em fevereiro. Além disso, o PMI Industrial permanece acima dos 50 pontos. Mesmo apresentando uma desaceleração no mês de março, que registrou 59,3 pontos ante 60,8 pontos de fevereiro, a atividade industrial norte-americana continua em forte expansão. Assim, o Federal Reserve (FED) anunciou um aumento da taxa básica de juros de 1,5% para 1,75%, confirmando as

expectativas de prosperidade econômica, apoiada em uma política monetária estável, a partir de um aumento gradual da taxa de juros. Entretanto, mesmo que esse aumento da inflação esteja de acordo com as expectativas do mercado, os investidores se mostram cautelosos com a possibilidade de que uma aceleração maior da inflação leve o FED a aplicar um aperto monetário, aumentando de forma mais acelerada as taxas de juros.

Na Europa, o cenário político apresenta sinais mistos. Os avanços nas negociações do Brexit e a estabilização da política alemã foram os principais destaques positivos durante o mês de fevereiro. Entretanto, há preocupação com o avanço do populismo no continente, principalmente após as eleições italianas. O partido populista “Movimento Cinco Estrelas” e o partido de centro-direita “A Liga” foram os que mais receberam votos, mas, não o bastante para formar um governo. Assim, o futuro do governo italiano dependerá da capacidade dos partidos em formar alianças, caso contrário, pode ser necessária uma nova eleição. A vitória de partidos populistas preocupa os mercados pois reforçam os temores de movimentos de saída da União Europeia. Assim, existem incertezas quanto ao futuro da Itália e de sua relação com o bloco.

Desestabilizando ainda mais as expectativas quanto às relações internacionais, novas tensões diplomáticas entre o Reino Unido e a Rússia se espalharam para vários outros países ocidentais e têm preocupado cada vez mais os investidores. A relação entre a Coreia do Norte e os EUA também pode sofrer consequências negativas, uma vez que a Rússia tem grande influência sobre a Coreia do Norte, com quem compartilha fronteiras territoriais.

Em relação aos dados econômicos da Zona do Euro, a inflação recuou em 1,1% em março, seguindo a redução de 1,2% em fevereiro. Ainda assim, a decisão sobre a política monetária pelo Banco Central Europeu (BCE) permanece inalterada, com a taxa de juros em 0,0%. Nesse cenário de queda da inflação mesmo com juros nulos, o Banco Central Europeu continuará com o atual ritmo de compra de ativos, de acordo com o Quantitative Easing, política monetária não convencional iniciada para auxiliar os países afetados pela na crise de 2010. O BCE pretende mudar essa política se a inflação convergir para meta, caso contrário, será mantida até setembro de 2018.

No que tange ao continente asiático, as principais incertezas são causadas pelas tensões comerciais entre o governo de Donald Trump e a China. Ainda assim, o cenário econômico é positivo. O PMI Industrial da China apresentou um aumento, chegando a 51,5 pontos em março ante 50,3 pontos em fevereiro. Esse movimento indica que a atividade industrial chinesa aumentou, sugerindo uma trajetória de crescimento econômico. Outrossim, a balança comercial da China apresentou um superávit de U\$ 33,74 bilhões em fevereiro, um aumento frente ao mês de janeiro, que encerrou em U\$ 20,34 bilhões.

No Brasil, o cenário político continua incerto diante das eleições de 2018 para presidente. Nesse sentido, a corrida eleitoral continua provocando cautela nos investidores, que apresentam uma

maior demanda por ativos mais seguros. Conseqüentemente, o boletim Focus do Banco Central projeta que o câmbio feche o período cotado em R\$ 3,30, levemente valorizado se comparado à cotação média do mês, que foi de R\$ 3,28.

Os dados econômicos do Brasil indicam que há espaço para a retomada no crescimento da economia. Neste mês, o Comitê de Política Monetária, COPOM, decidiu por mais um corte na taxa básica de juros – Selic, de 6,75% para 6,5%. O Boletim Focus sugere, ainda, uma possibilidade de mais um corte para o ano de 2018, com uma expectativa de queda do IPCA para 3,54%, no ano, a despeito do aumento para 0,32% em fevereiro no Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA) ante 0,29% em janeiro. Por outro lado, a taxa de desemprego aumentou para 12,2% e a perspectiva quanto ao crescimento do PIB brasileiro caiu de 2,89% para 2,84%. Já a balança comercial teve um superávit de US\$ 6,281 bilhões em março, segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). As exportações somaram US\$ 20,089 bilhões, enquanto as importações tiveram alta de US\$ 13,809 bilhões. Os produtos manufaturados foram os principais elementos para a alta das exportações. Já compras de combustíveis e lubrificantes foram os que mais cresceram nas importações no primeiro trimestre.

No mercado acionário, a Bovespa atingiu máxima de 86,900 pontos, seguindo um movimento de alta do mês anterior, embora tenha encontrado resistência diante da cautela com o cenário internacional.

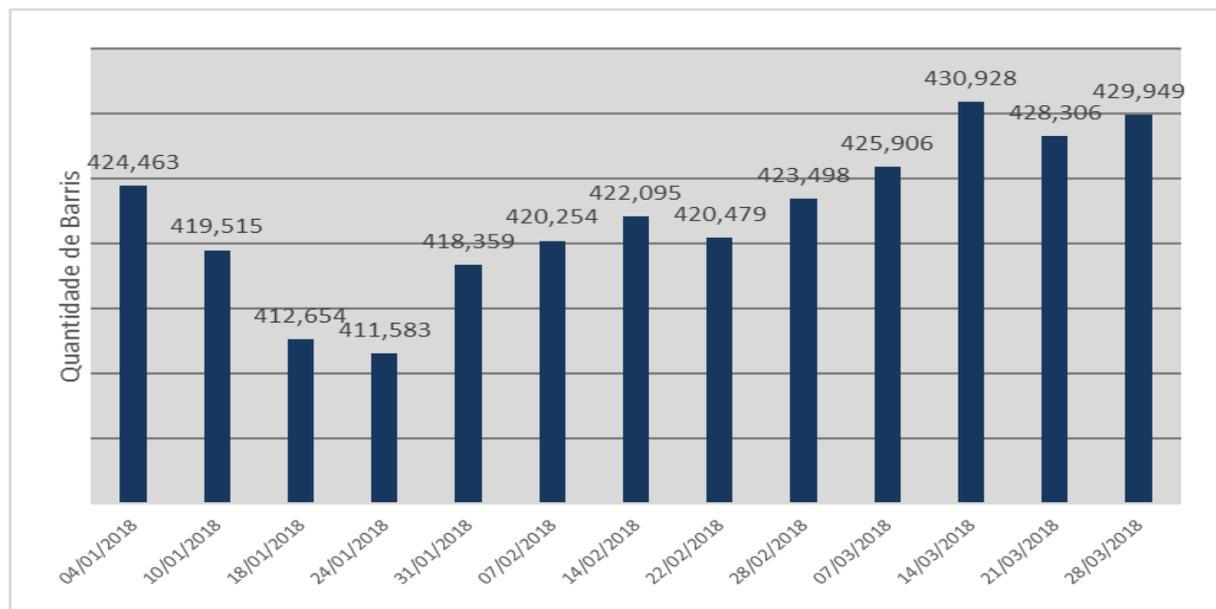
2 - Preços

Em fevereiro, o preço do petróleo apresentou um valor máximo de U\$ 69,65 e um mínimo de U\$ 62,59, com uma média mensal de U\$ 65,73. Já em março, o preço máximo e mínimo do petróleo foi de U\$ 70,45 e de U\$ 63,61, respectivamente. A média para o preço do barril, no mês, foi de U\$ 66,54, o que representa uma alta no preço da *commodity* de 1,2% ante o mês de anterior.

A Agência Internacional de Energia (EIA) permanece com a previsão de que o preço do barril fique em torno de U\$ 62,00 em 2018 e em 2019. Portanto, segue a expectativa de um aumento do preço do barril em comparação ao ano passado, que encerrou em U\$ 54,00. Ainda segundo os dados da agência, os preços do petróleo bruto caíram em fevereiro, após sete meses consecutivos de alta. Apesar da recente queda do preço, o indicador de oferta e demanda de petróleo sugere que o estoque global da *commodity* está diminuindo. Nesse sentido, a EIA estima que o total de estoques comerciais de petróleo caiu para 2,83 bilhões de barris em fevereiro de 2018, uma queda de 211 milhões de barris desde fevereiro de 2017 nos países membros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Já segundo os dados do Departamento de Energia dos EUA (DoE), os estoques do petróleo bruto tiveram um aumento de 1,643 milhões de barris na semana encerrada no dia 24 de março. Os constantes aumentos no estoque do petróleo no país são visualizados no gráfico abaixo. Esses aumentos dos estoques dos EUA podem pressionar para baixo o preço do barril, embora exista um forte esforço dos países membros da OPEP de reduzir sua produção interna para manter o equilíbrio da *commodity*.

Gráfico 1 – Estoques do Petróleo em MMb*

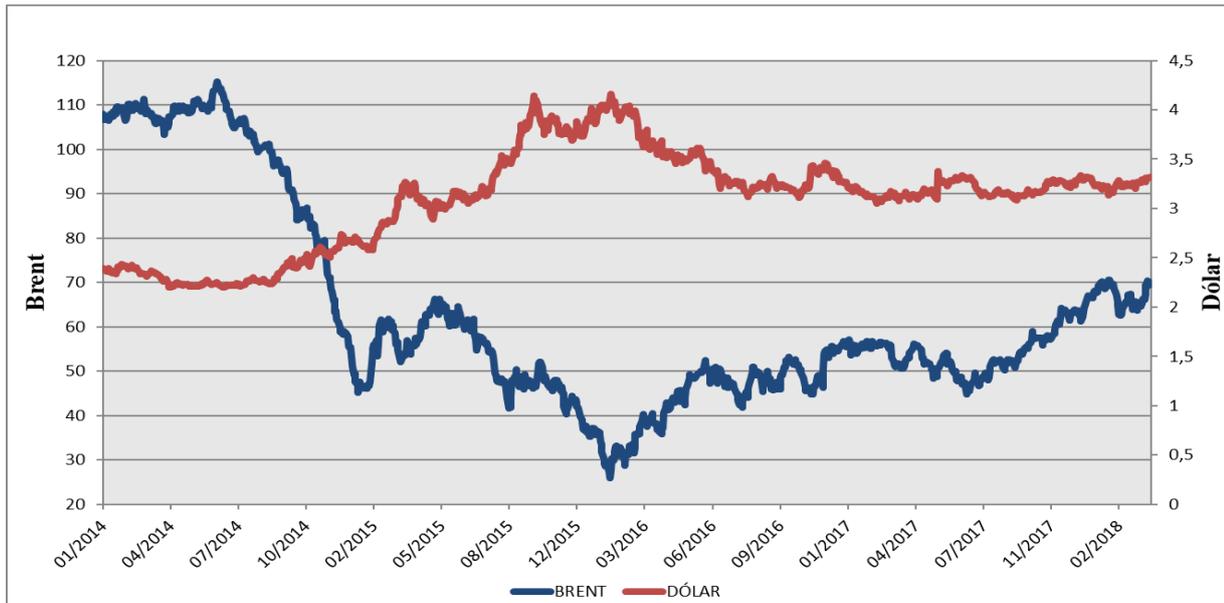


Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do Broadcast em MMb* (milhões de barris)

No gráfico 2, fica evidente a correlação negativa entre a taxa de câmbio e o preço do petróleo. A partir desses dados, uma valorização excessiva do dólar indica uma queda no preço do Brent, pressionado por uma variação no lado da demanda.

Segundo Boletim Focus, o Banco Central mantém sua expectativa de que o dólar encerre o período cotado em R\$ 3,30, conforme divulgado na semana do dia 29 de março de 2018. Essa perspectiva do Banco Central, de leve valorização do dólar ante o real, é consequência das incertezas políticas e econômicas devido às eleições à presidência, que levam os investidores a realocar seus recursos em moeda mais seguras, como o Dólar. No mês de março, a média do câmbio encerrou cotada em R\$ 3,28, um aumento ante o mês de fevereiro que registrou uma valorização de R\$ 3,24, seguindo a tendência de alta da moeda norte-americana.

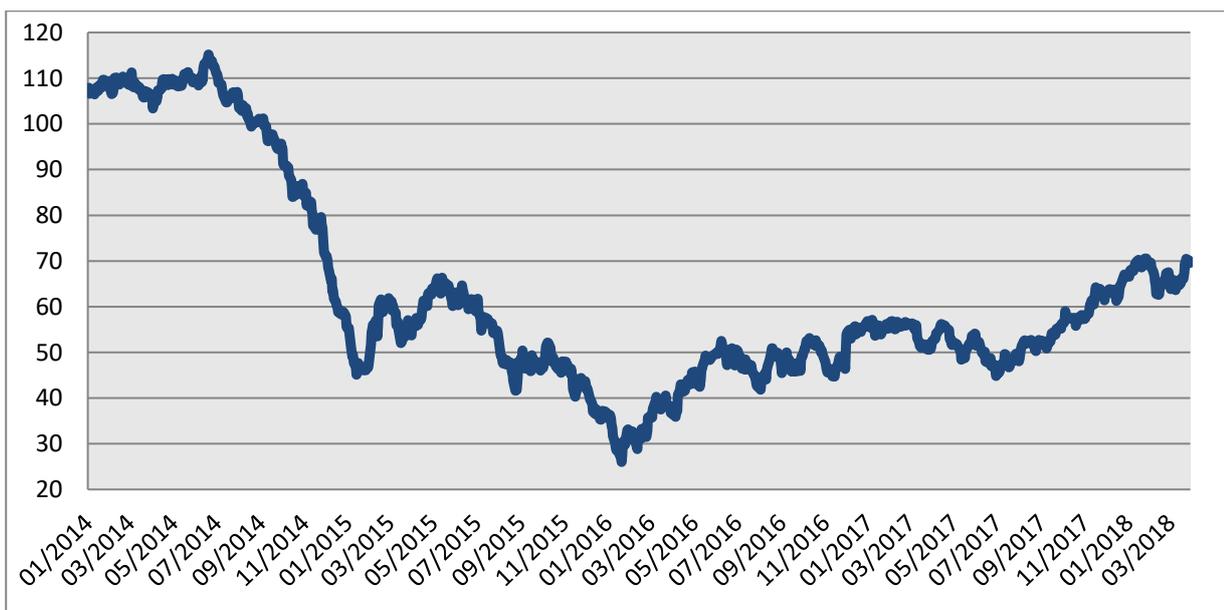
Gráfico 2 – Brent x Dólar



Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do The Ice e do Banco Central

No gráfico 3, a série histórica indica a evolução do preço da *commodity* desde 2014, sendo possível analisar que desde o 4º trimestre do ano passado, o preço do barril tem oscilado em torno de US\$60,00 e US\$70,00, de acordo com a política e acordos entre os membros da OPEP e alguns países não membros, como a Rússia.

Gráfico 3 – Preço do Brent



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

3 - Demanda

De acordo com os dados de março da OPEP, a demanda global de petróleo cresceu 1,62 milhões de barris por dia (MMb/d) em 2017. A organização aumentou sua avaliação em 23 mil barris por dia (Mb/d) frente ao divulgado em fevereiro, chegando a um consumo médio global de 97,04 MMb/d em 2017. Para o ano de 2018, a expectativa é que o consumo global aumente em 1,6 MM/d, chegando ao total de 98,63 MMb/d.

Segundo a EIA, o consumo global de petróleo em 2017 foi de 98,5 MMb/d. As estimativas da EIA quanto ao consumo médio global para 2018 sofreram um leve reajuste, caindo de 100,23 MMb/d para 100,2 MMb/d. Ainda assim, esse consumo é maior que o verificado em 2017. O aumento global da demanda por petróleo é reflexo da retomada do crescimento econômico global, em especial, nas indústrias e no setor de transportes. As expectativas são de crescimento econômico em países membros e não-membros da Organização de Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCED).

Os Estados Unidos ainda são responsáveis pela maior parte do consumo da OCED. Seu consumo médio em 2017 foi de 19,88 MMb/d, de acordo com a EIA e, para 2018, as estimativas apontam para um aumento do consumo, que chegará a 20,35 MMb/d. A OPEP aponta um consumo médio dos EUA em 2017 de 20,23 MMb/d, um pouco mais que as estimativas da EIA. A OPEP também espera um aumento do consumo norte-americano de, aproximadamente, 21 Mb/d, ou 1,05% maior se comparado a 2017. Esse aumento da demanda futura pode ser explicado pelos sinais de crescimento econômico norte-americano, como diminuição do desemprego e aumento do consumo. Há também aumento dos salários médios, o que aumenta o poder de compra dos trabalhadores dos EUA, incentivando ainda mais o consumo de bens e serviços.

De acordo com a EIA, o consumo de países que não fazem parte da Organização de Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCED) deverá aumentar em 2018 e em 2019 em relação ao consumo de 2017, quando esses países consumiram, em média, 51,3 MMb/d. Para 2018, espera-se um aumento do consumo diário para 52,61 MMb/d e, para 2019, 53,94 MMb/d.

De acordo com a EIA, o consumo da China deve aumentar da marca de 13,26 MMb/d em 2017 para 13,69 MMb/d em 2018 e 14,10 MMb/d em 2019. A OPEP também prevê um aumento do consumo chinês, de 3,37%, chegando a 12,73 MMb/d em 2018 frente a 12,31 MMb/d em 2017. Essas projeções refletem as expectativas de crescimento econômico do país.

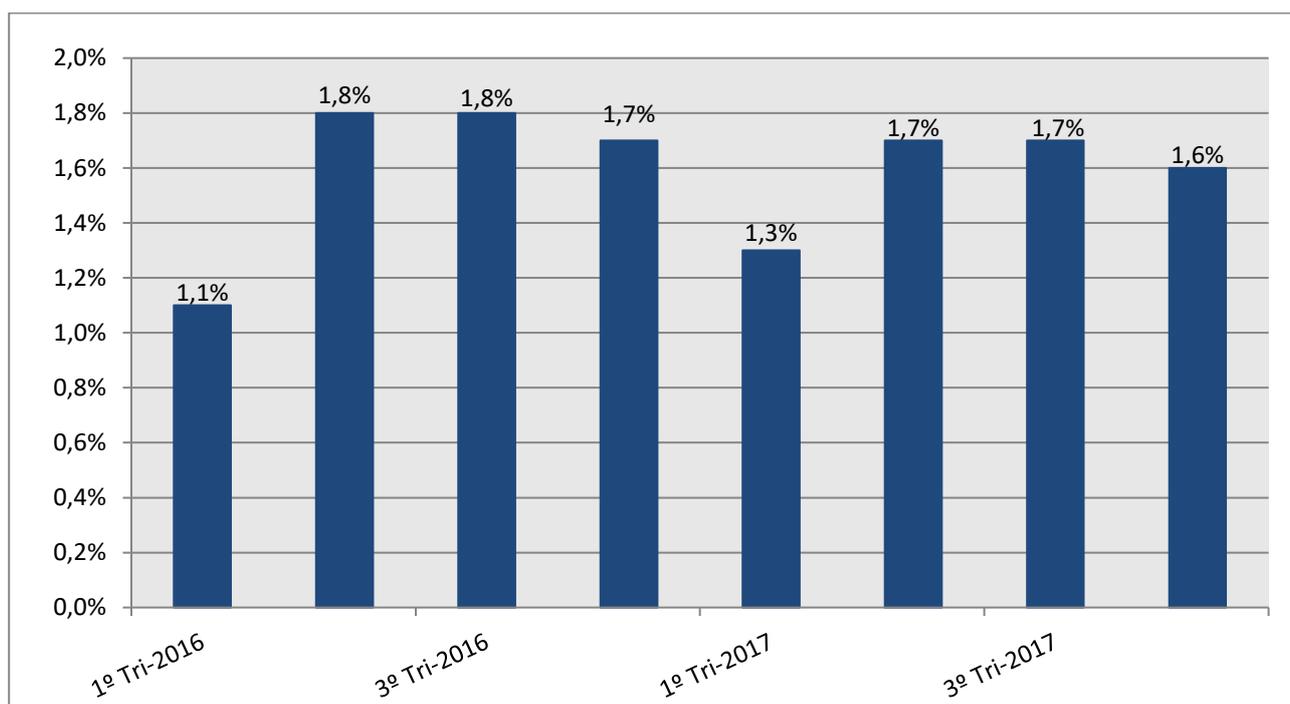
A OPEP dá destaque para o consumo indiano de petróleo. Não houveram alterações nas estimativas quanto ao consumo médio diário da Índia no mês de março, que permaneceu em 4,47 MMb/d. As expectativas para 2018 mostram um aumento de 190 Mb/d, ou 4,22% quando comparado ao consumo de 2017, totalizando 4,65 MMb/d. A EIA também espera um aumento do consumo

indiano, que deverá passar da média de 4,55 MMb/d em 2017 para 4,83 MMb/d em 2018 e 5,09 MMb/d em 2019.

Pode-se notar que as estimativas da EIA são mais altas que aquelas da OPEP. Isso ocorre pois, em suas estimativas, a EIA leva em consideração o consumo de todos os combustíveis líquidos, diferentemente da OPEP, que apenas indica o consumo de petróleo.

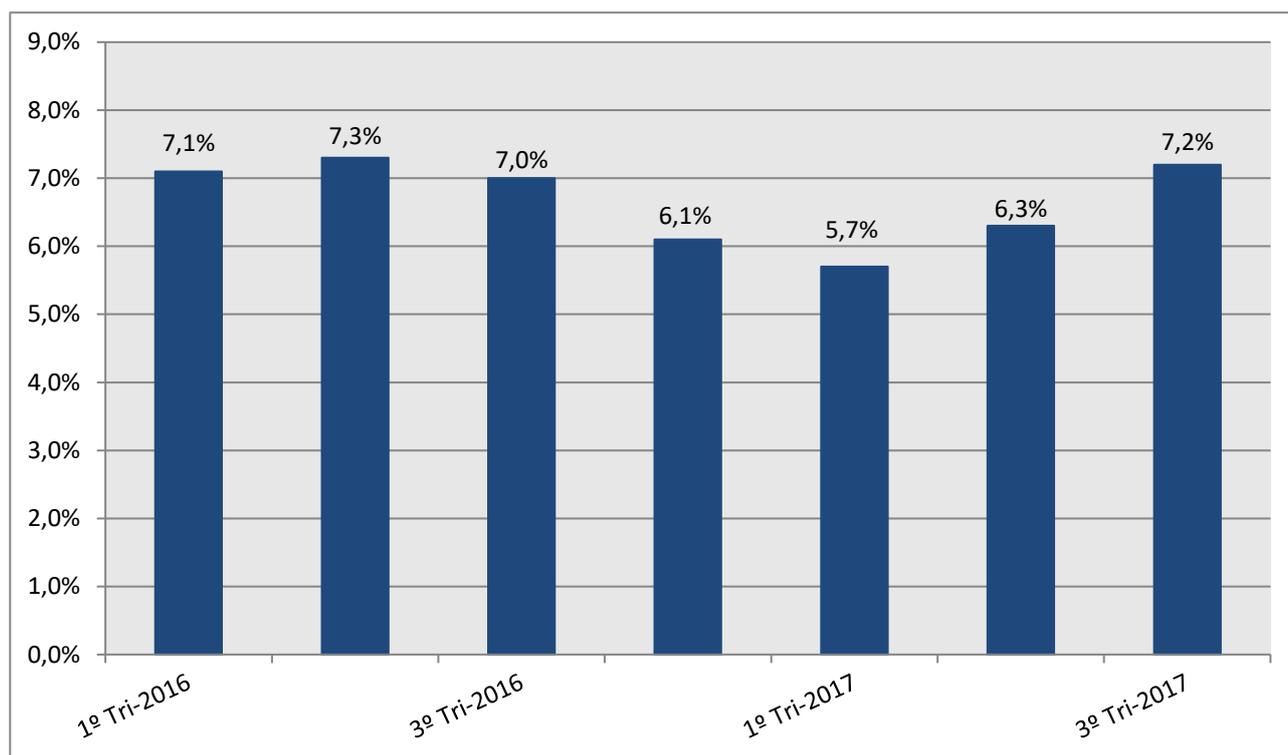
Percebe-se que as duas agências esperam aumento da demanda mundial por petróleo. EUA, China, Índia e Europa são os principais consumidores e, assim, choques nessas economias afetam o mercado global dessa *commodity* diretamente. As tendências de crescimento econômico na China e na Índia podem ser observadas nos gráficos 4 e 5, respectivamente. Ressaltamos que no gráfico 4, que indica o PIB da China, os dados mostram a variação percentual por trimestre. Já o gráfico 5, que ilustra o crescimento do PIB indiano, mostra a variação acumulada, referente à variação ano-año de cada trimestre.

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto (PIB) trimestral – China



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

Gráfico 5 – Produto Interno Bruto (PIB) acumulado – Índia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

4 – Oferta

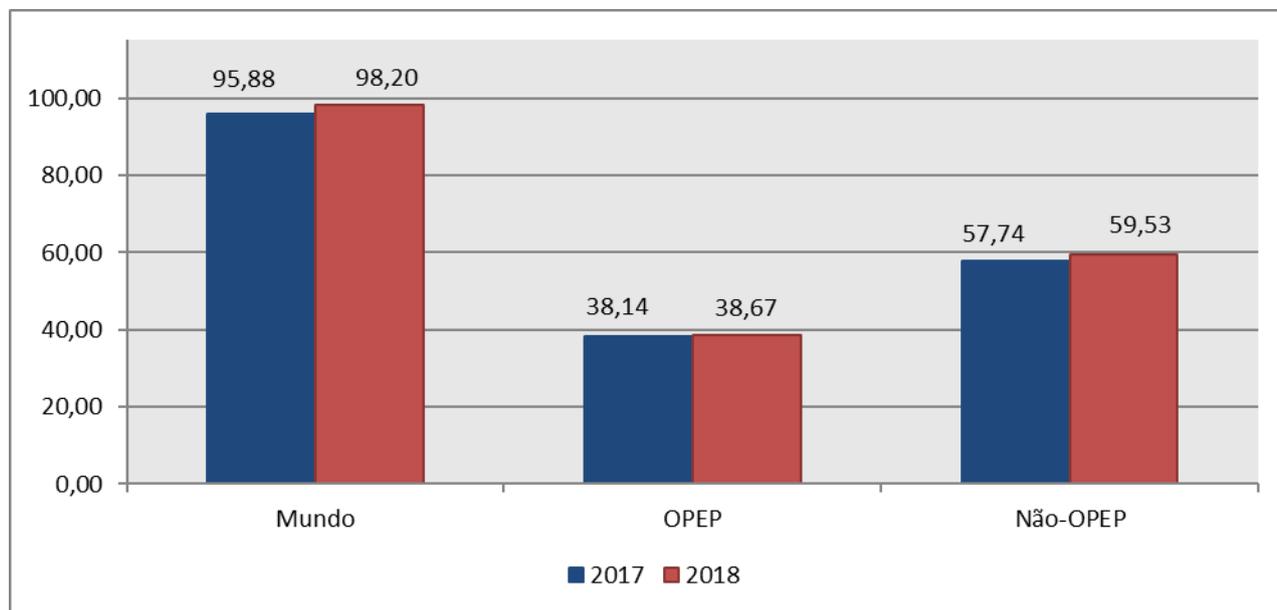
4.1 - Estimativa Relatório OPEP

Os dados da OPEP indicaram um aumento de 370 Mb/d, em relação ao mês anterior, na oferta global de petróleo em fevereiro, chegando à média de 98,20 MMb/d. Essa alta representa um aumento de 1,66 MMb/d na comparação anual. A expectativa sobre a oferta de não membros da organização em 2018 sofreu um reajuste, aumentando em 280 Mb/d, alcançando uma média de 59,53 MMb/d, alta de 1,66 MMb/d na comparação anual. Os Estados Unidos ganham destaque na produção, com uma perspectiva de aumento na oferta de petróleo de 1,46 MMb/d no ano de 2018, um aumento de 10,22%. Assim, os EUA devem produzir uma média de 15,80 MMb/d em 2018.

Para os membros da organização, as pesquisas secundárias indicam que o cartel reduziu a produção bruta em 77 Mb/d em fevereiro, chegando a uma média de 32,19 MMb/d. Sendo essa redução uma cooperação para manter o preço do barril em torno de U\$60, em resposta a maior produção dos países que não fazem parte da OPEP. A Venezuela, os Emirados Árabes e o Iraque

foram os principais encarregados da baixa produção na organização, em um esforço coordenado para conter o excesso global da *commodity*.

Gráfico 6 – Estimativa de produção anual (OPEP)

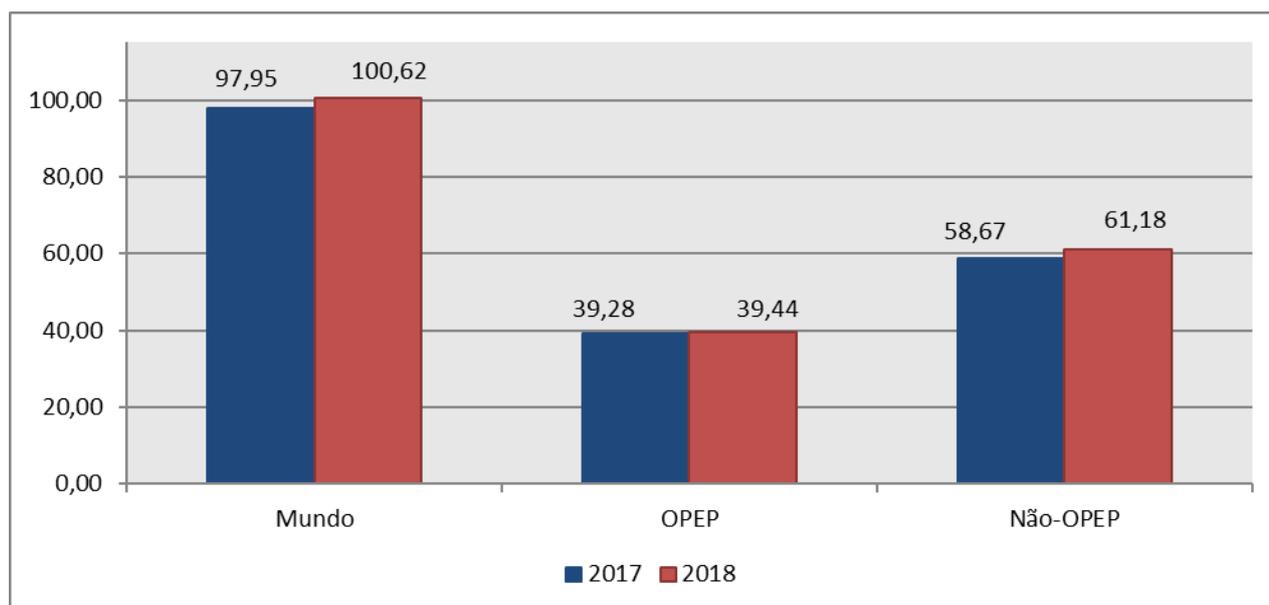


Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.2 - Estimativa Relatório EIA

Para a EIA, em 2018, há uma perspectiva na oferta total global de 100,62 MMb/d. Um aumento de 2,67 MMb/d em comparação com o ano anterior. Para os membros da OPEP, a EIA estima um crescimento de 160 Mb/d ante o ano anterior. Já para os não-membros da OPEP, é esperado um aumento de 2,51 MMb/d, fazendo a produção desses países passar de 58,67 MMb/d em 2017 para 61,18 MMb/d em 2018. Os Estados Unidos ganham destaque no fornecimento de petróleo, com uma expectativa de produção na média de 17,56 MMb/d em 2018, o que marcaria a maior alta anual na média do nível de produção desde o recorde ocorrido no ano de 1970. O gráfico abaixo ilustra perspectivas das agências quanto às variações anuais.

Gráfico 7 – Estimativa de produção anual (EIA)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.3 - OPEP x EIA

Dados os relatórios divulgados pela OPEP e pela EIA é possível afirmar em relação a oferta do petróleo, que:

1. Há uma perspectiva de crescimento global na oferta da *commodity*;
2. Ambas as organizações destacam a produção nos Estados Unidos, uma vez que vem mostrando forte crescimento;
3. Tanto a OPEP quanto a EIA, possuem expectativa de avanço da oferta nos países não membros da OPEP;
4. A queda da produção nos membros da OPEP está diretamente relacionada com o preço do barril que tem sido impulsionado pelos Estados Unidos, que são beneficiados pelo preço alto do petróleo;

Nesse sentido, a partir dessas considerações, fica evidente que tanto a OPEP quanto a EIA concordam com a expansão global na oferta do petróleo e, em especial, com o aumento na produção de xisto nos Estados Unidos. Com isso, os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) procuram formas de manter o preço em torno de US\$ 60.

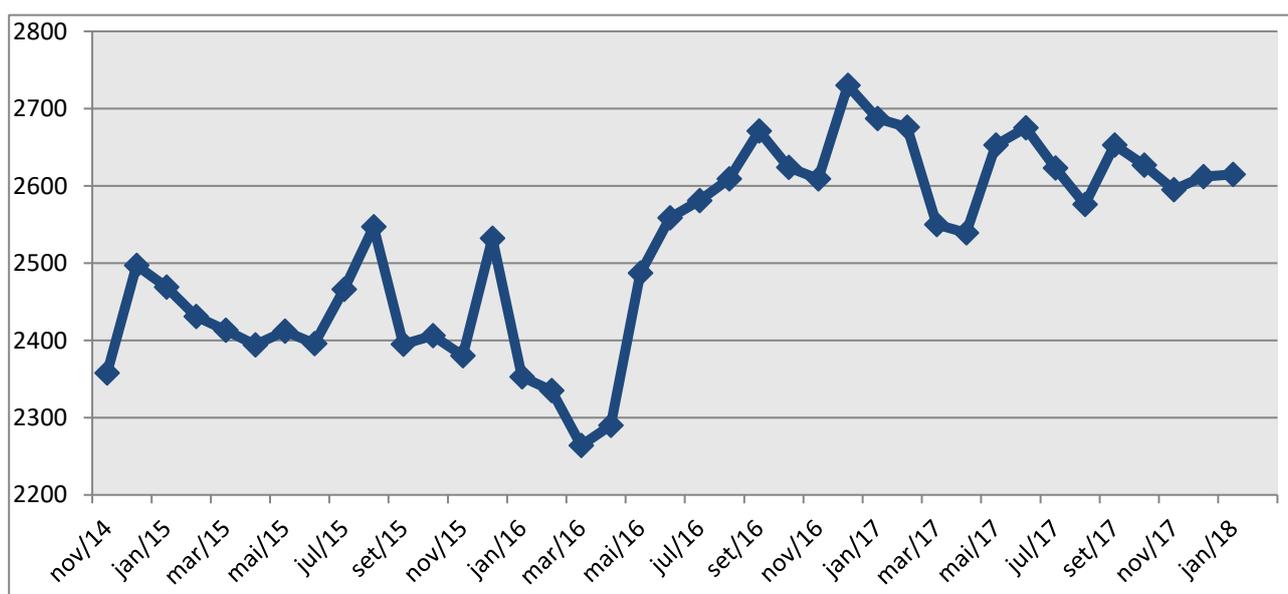
5 – Brasil

5.1 - Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção brasileira de petróleo no mês de janeiro de 2018 ocorreu em 7.946 poços, sendo 727 marítimos (*offshore*) e 7.219 terrestres (*onshore*). Em comparação com o mês anterior, houve uma diminuição de 44 poços em operação – sendo 16 poços *offshore* e 28 poços *onshore*. A quantidade de poços marítimos representa pouco mais de 9% do total, ainda assim, cerca de 95,4% do resultado local têm origem no *offshore*.

A produção nacional em janeiro registrou 2,615 MMb/d, configurando um aumento de 0,1% em relação ao mês de dezembro de 2017. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do Gráfico 8.

Gráfico 8 – Histórico de produção de petróleo (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Esse acréscimo no resultado é um fenômeno novo para o período recente. Pelo menos nos três últimos anos o produto do mês de janeiro é menor que o de dezembro do ano anterior, provavelmente devido à queda da demanda e da atividade econômica após o fim de ano. A expansão da produção no primeiro mês do ano de 2018 configura uma linha de estabilidade.

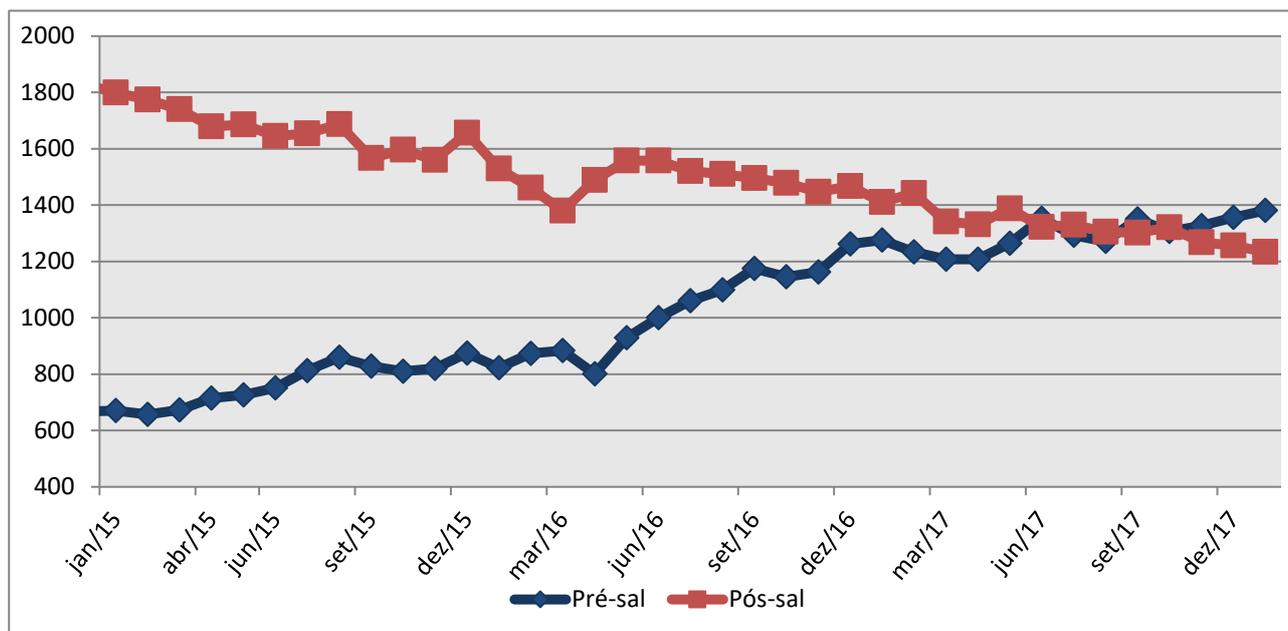
A extração contabilizada em janeiro de 2018 foi 2,7% inferior à verificada em janeiro de 2017 e praticamente igual à média dos últimos 12 meses, que bateu 2,616 MMb/d.

5.2 - Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de janeiro de 2018, a produção nacional com origem no pré-sal foi de 1,381 MMb/d. Tendo 85 poços em operação, o resultado do pré-sal representa quase 53% do total produzido no Brasil. Em relação a dezembro do ano anterior, a extração nos campos mais recentes aumentou 1,84%.

A produção nacional com origem no pós-sal foi de 1,234 MMb/d, o que equivale a 47,2% do produto nacional. Este número reflete uma queda de 1,8% na comparação com o mês de dezembro.

Gráfico 9 – Evolução da produção do Pré-Sal e do Pós-Sal (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Gráfico 9 demonstra a tendência de queda no pós-sal, movimento influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido nos campos mais antigos. Por outro lado, a curva relacionada ao pré-sal vem registrando crescimento ao longo dos últimos anos, ultrapassando a produção originária no pós-sal pelo terceiro mês consecutivo, algo que já havia ocorrido nos meses de junho e setembro de 2017.

Cabe destacar, ainda, que a manutenção da produção nacional no mês em questão está diretamente atrelada ao aumento do resultado advindo do pré-sal, que mais uma vez compensou a queda continuada na produção dos campos no pós-sal.

5.3 - Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia os cinco maiores. Detentores dos campos mais produtivos, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo juntos representam 95% do resultado no setor.

De acordo com a ANP, o Estado do Rio de Janeiro possui maior destaque, pois foi responsável por 69% da produção nacional no mês de janeiro de 2018. É evidente a importância da indústria do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representa 42% da produção fluminense.

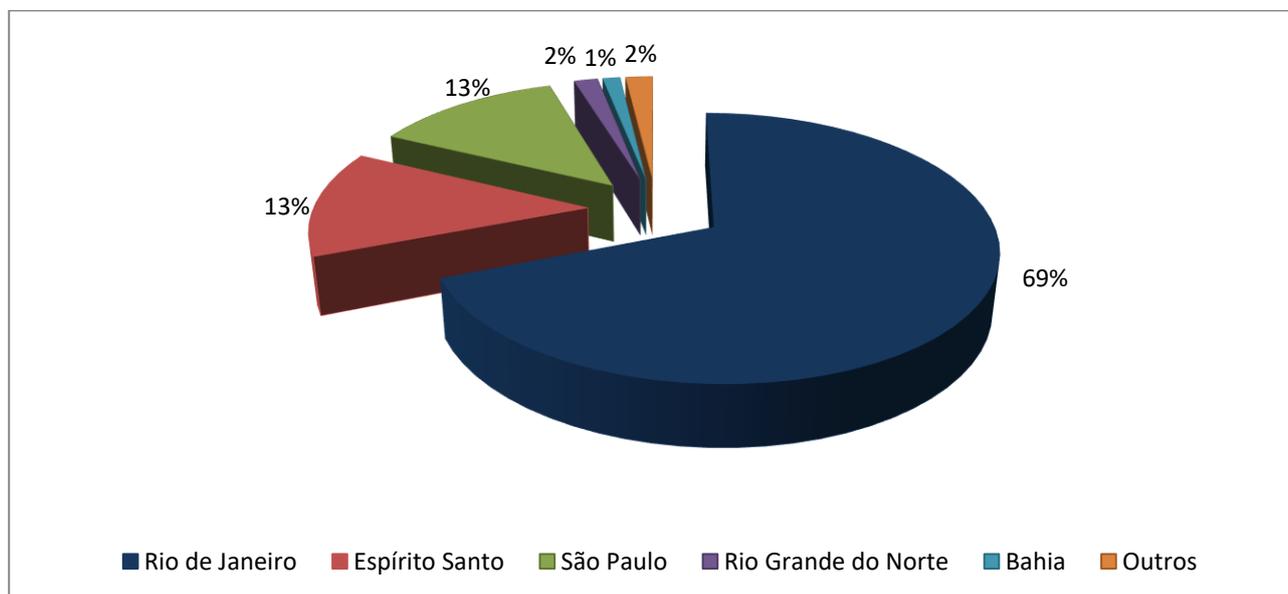
O Estado de São Paulo contou com apenas seis (6) poços em operação no mês de janeiro. Esses poços apresentam elevado grau de rendimento; conduzindo, assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. O Quadro 1 e o Gráfico 10 trazem tais disposições.

Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO (em b/d)	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.805.383	37
Espírito Santo	345.584	50
São Paulo	340.246	6
Rio Grande do Norte	43.114	78
Bahia	31.474	83

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

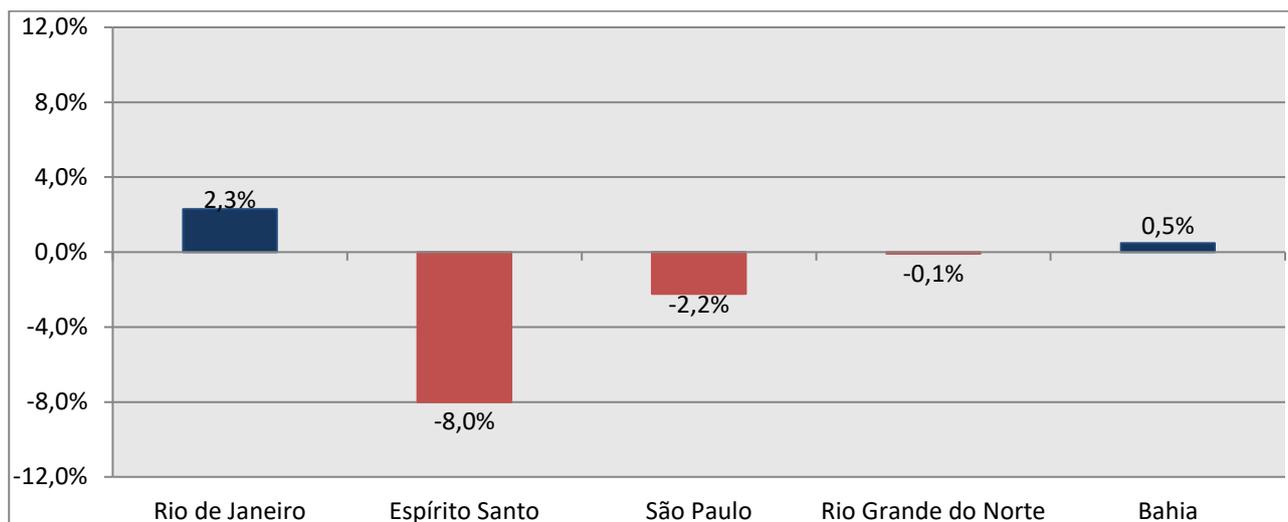
Gráfico 10 – Estados produtores (% da produção nacional)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No item 5.2, verificou-se que o aumento da produção nacional em janeiro de 2018 foi influenciado pelo avanço no pré-sal. Da mesma forma que a extração no pré-sal e no pós-sal apresentaram tendências opostas, a comparação entre os meses de janeiro e dezembro de 2017 não teve uma direção única no que tange à produção dos estados.

Gráfico 11 – Variação percentual da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A extração nos estados do Espírito Santo, São Paulo e, novamente, Rio Grande do Norte caíram 8,0%, 2,2% e 0,1% respectivamente. O resultado negativo desses estados não se explica apenas pela redução de áreas produtivas em cada estado. O Rio Grande do Norte, que manteve o nível de produção praticamente estável, acrescentou mais um campo às atividades operacionais. O Estado de São Paulo permaneceu com os mesmos seis (6) campos em funcionamento, e, no entanto, viu decrescer o resultado final no mês de janeiro. Já o destaque negativo do período foi o Estado do Espírito Santo, que teve um campo a menos em atividade além de uma forte queda na produção, situação que será tratada mais adiante.

De qualquer maneira, o resultado desfavorável nesses três últimos estados – somando algo em torno de 38 Mb/d – foi devidamente compensado pela produção no Rio de Janeiro e na Bahia.

O destaque do mês é o Estado do Rio de Janeiro. O aumento de 2,3% em relação ao mês anterior representa mais de 40 MB/d, mesmo com a redução da operação de quatro campos. A produção fluminense ainda não recuperou os níveis alcançados entre setembro e novembro do ano passado; no entanto, já reconquistou parte da forte queda ocorrida no mês de dezembro de 2017. O Estado da Bahia, ganhando mais um campo operacional, praticamente manteve o nível de produção do mês anterior, perfazendo um acréscimo de 0,5% ao resultado final de janeiro.

5.4 - Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo a maioria em locais marítimos de águas profundas. As bacias não se restringem apenas a uma unidade federativa, podendo abranger dois ou mais estados. Atualmente, a produção nacional é oriunda de doze bacias, entre as quais se destacam a Bacia de Campos – ES/RJ; a Bacia de Santos – PR/RJ/SP; a Bacia Potiguar – CE/RN; a Bacia do Espírito Santo – ES e a Bacia do Recôncavo – BA.

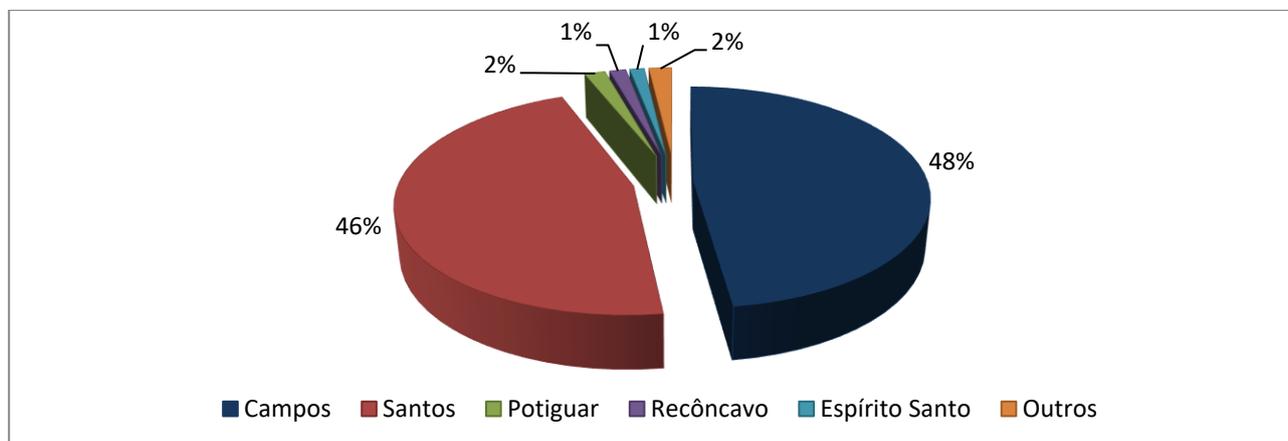
A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração na capacidade produtiva do país. O Quadro 2 e o Gráfico 12 evidenciam essa convergência no produto local.

Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.251.616	41	Espírito Santo/Rio de Janeiro
Santos	1.204.592	10	Paraná/Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	44.145	80	Ceará/Rio Grande do Norte
Espírito Santo	35.005	42	Espírito Santo
Recôncavo	31.051	78	Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

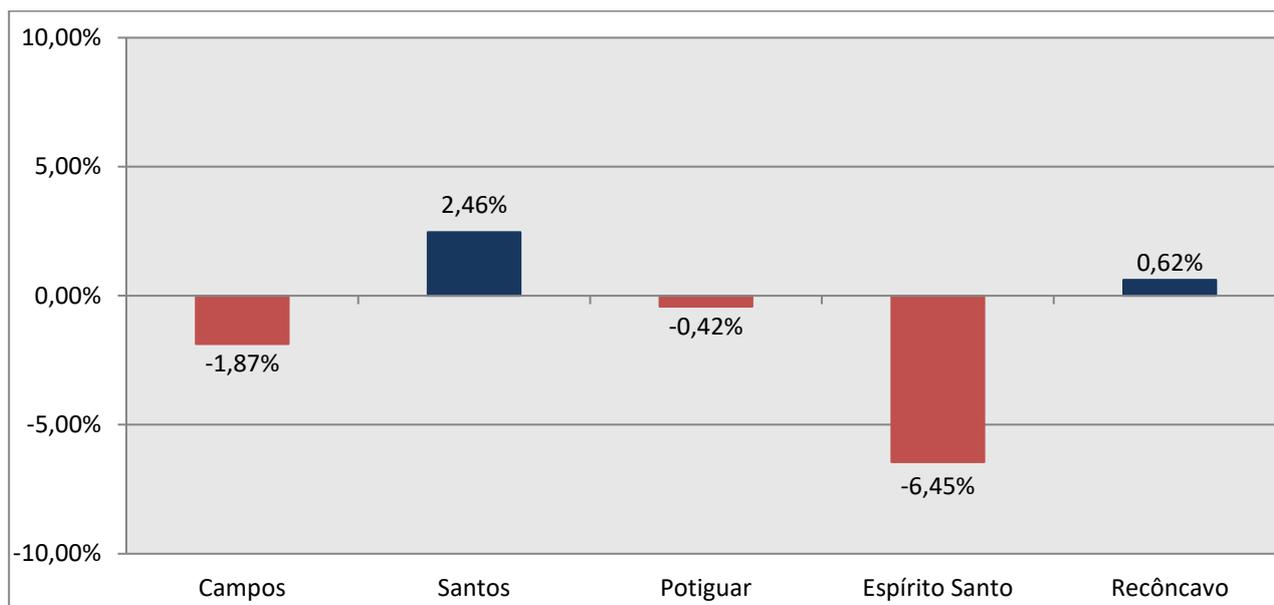
Gráfico 12 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2,615 MMb/d, um acréscimo, ainda que ténue, em relação à produção de dezembro. A sustentação da produção total no mês de janeiro pode ser atribuída à Bacia de Santos.

Gráfico 13 – Variação de Produção das Principais Bacias (jan18/dez17)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O destaque negativo é a Bacia do Espírito Santo, que pelo segundo mês consecutivo apresenta uma forte queda na produção. Em janeiro, tendo um campo a menos em atividade, o recuo foi de 6,45%, algo em torno de 2,5 Mb/d. Como a produção total na Bacia do Espírito Santo não é tão grande, a redução no resultado da Plataforma Cidade de Vitória (Canapu/Golfinho) gerou um impacto relevante no agregado da Bacia, repetindo o que aconteceu no mês anterior, quando também teve uma redução na produção em torno de 2 Mb/d.

Tanto a Bacia Potiguar quanto a Bacia do Recôncavo ganharam uma área produtiva; mas, se a primeira obteve uma queda pouco relevante, a segunda alcançou um aumento também de pouca expressão.

A Bacia de Campos perdeu a operação de quatro campos e teve um decréscimo de quase 2% no rendimento final. No mês de janeiro, houve uma forte queda nos dois maiores campos da bacia – Roncador e Jubarte – além do terceiro recuo consecutivo em Marlim Sul.

A Bacia de Santos, mais uma vez, cumpriu o papel de sustentação do alto nível alcançado pela produção nacional. Ela compensou as quedas nas Bacias de Campos e do Espírito Santo. O fato se deve ao resultado considerável alcançado pelo campo de Lula – uma produção recorde.

5.5 - Campos

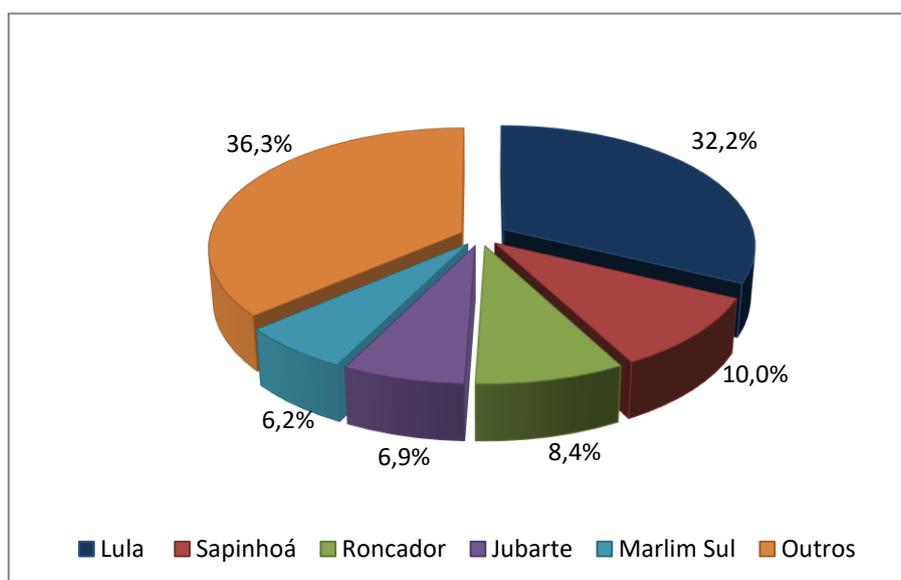
No que diz respeito aos campos, é possível destacar os maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Os cinco campos juntos dão conta de quase 64% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como retratado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mb/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	842	Santos
Sapinhoá	261	Santos
Roncador	219	Campos
Jubarte	180	Campos
Marlim Sul	163	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Gráfico 14 – Produção de Petróleo por Campo (% da produção total)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

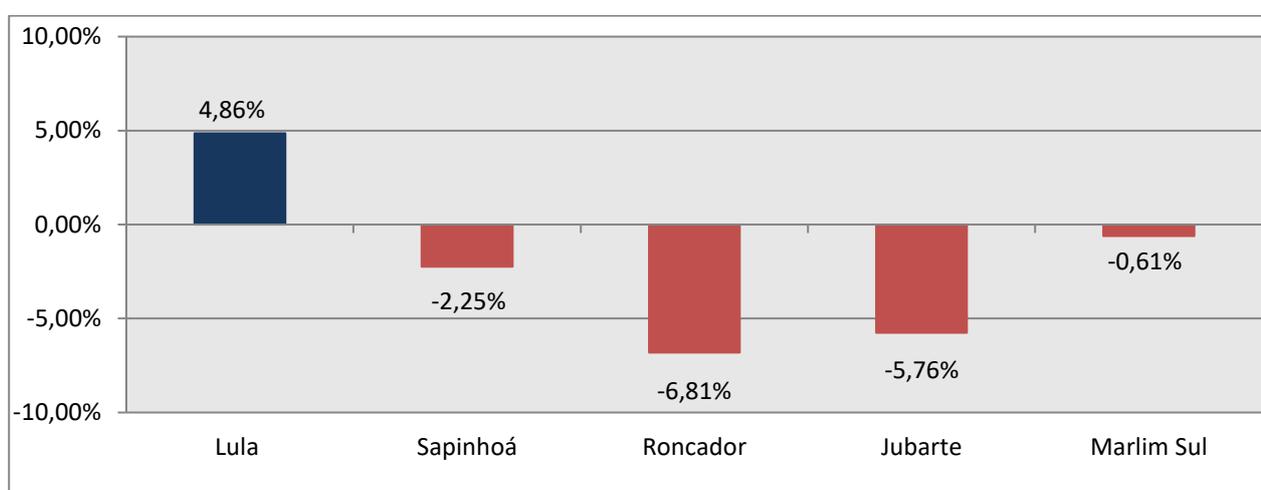
O campo de Lula, maior produtor na indústria nacional, foi o destaque no mês de janeiro de 2018. A produção nesse espaço foi a maior já registrada em solo brasileiro, ultrapassando um recorde que pertencia ao próprio campo. O magnífico resultado nessa extensão do pré-sal se deve a uma retomada no rendimento mensal. Após alcançar a então produção recordista no mês de novembro de 2017, o produto nesse campo sofreu uma forte queda acima dos 4% no mês de dezembro do ano passado. Portanto, tomando como referência uma base mais baixa, o aumento de quase 5% no mês de janeiro de 2018 indica mais uma recuperação.

O resultado poderia ter sido ainda mais favorável. A Plataforma FPSO Cidade de Maricá sofreu interrupção na produção devido a um princípio de incêndio em meados de janeiro. Após uma queda fortíssima de quase 15% no resultado de dezembro de 2017, essa instalação ainda não readquiriu o nível atingido no mês de novembro do ano passado, algo que colocaria essa plataforma

como a mais produtiva da indústria nacional em janeiro. Uma parte da queda foi compensada, levando a um acréscimo de 6,74% no resultado desse início de ano.

Outro fator que direcionou o resultado no campo de Lula foi a atividade na Plataforma FPSO Cidade de Mangaratiba, que, após um recuo significativo em dezembro do ano passado, no mês de janeiro de 2018 não só recuperou como superou o nível de produção galgado no mês de novembro de 2017. Isto significa um aumento acima dos 35% no rendimento final, contribuindo, assim, para compensar alguns recuos pouco expressivos em outras instalações e para levar o campo de Lula a um novo patamar de atividade.

Gráfico 15 – Variação percentual de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Sapinhoá, localizado no Estado de São Paulo, sustentou a posição de segundo maior produtor nacional, dado que o campo de Roncador apresentou um encolhimento considerável. Mais uma vez o resultado final naquele campo se deve principalmente à atividade na Plataforma Cidade de Ilha Bela, que, com dois poços a menos em operação, auferiu uma contração de 2,79% na produção. Trata-se de um pequeno recuo no mês de janeiro de 2018 se comparado ao vigoroso aumento de quase 25% no resultado de dezembro de 2017. Esses resultados recentes sugerem um paralelismo entre a atividade na plataforma FPSO Cidade de Ilha Bela e o resultado operacional no campo de Sapinhoá.

O campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, teve um recuo de quase 6% na produção. Ao observar os poços mais produtivos desse campo, é possível identificar uma queda de quase 10 Mb/d. Essa expressiva retração no resultado do campo pode ser explicada pelo rendimento de algumas instalações que atuam no Parque das Baleias e que apresentaram perdas no mês de janeiro de 2018.

Não só a PETROBRÁS 58 teve uma retração de 1,81%, mas também as instalações PETROBRÁS 57 e FPSO Cidade de Anchieta encurtaram a extração em 1,15% e 13,91% respectivamente. Além disto, segundo a Petrobrás, o aproveitamento no mês de janeiro foi impactado pela manutenção na plataforma FPSO Capixaba, que também opera no Parque das Baleias.

O grande destaque negativo foi o desempenho do campo de Roncador, que em novembro do ano passado chegou a segundo maior produtor nacional. A forte queda no mês de janeiro de 2018, em comparação com dezembro de 2017, pode ser localizada nas operações das plataformas PETROBRÁS 52, PETROBRÁS 54 e PETROBRÁS 62. Essa última instalação foi a principal responsável por grande parte do resultado desfavorável no campo, com uma redução acima de 8 Mb/d, perfazendo um encolhimento de 21,50% no mês de janeiro, e contribuindo com o forte declínio observado no campo.

5.6 – Considerações Finais

O ano de 2017 apresentou uma produção recorde na indústria de petróleo nacional. O ano de 2018 começou mantendo praticamente estável o nível médio de produtividade alcançado ao longo do ano passado – acima dos 2,6 MMb/d.

O resultado agregado no mês de janeiro de 2018 para a indústria local indica um crescimento de 0,1% na produção em relação ao mês anterior. É possível afirmar que esse saldo positivo foi impulsionado, mais uma vez, pelo incremento na produção do pré-sal.

O campo de Lula (pré-sal), com mais um recorde de produção, liderou o resultado do mês, posto que determinou a direção positiva traçada pela Bacia de Santos, que se refletiu favoravelmente no Estado do Rio de Janeiro. O feito excepcional nesse campo compensou os números negativos em Sapinhoá, Roncador e Jubarte – que são outros grandes produtores nacionais – e configurou um quadro de estabilidade no nível de produção da indústria de petróleo nacional em relação ao mês anterior.

Glossário

MMb/d: milhões de barris por dia

Mb/d: milhares de barris por dia

Bibliografia

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

EIA: Energy Information Administration - Vinculada ao Departamento de Energia norte-americano.

ANP: Agência Nacional de Petróleo.

Gerência de Operações e Planejamento

Gerente de Operações e Planejamento

Kelli Manhães Pessanha

Coordenadores

Bruno Luís Lacerda dos Santos

Rodrigo Santos Martins

Equipe Técnica

Alisson José Ramos Batista

Ângela Maria Monteiro Pandolfo

Flávio Carramanhos Werneck

Juliana Chaves Monteiro

Luís Carlos Sirico Junior

Nicholas Ribeiro da Costa Cardoso

Pedro Daflon Fraiz

Priscila Ramalho do Valle Gonçalves

Rafael de Macedo Zappa

Teresa Luiza da Silva Dias

Thaynara Rodrigues Bastos

Vinícius da Silva Peixoto